





JOÃO VESPUCCIO DE ABREU E SILVA.

Lith. de J. Alves Leite

**REVISTA**

DO

**PARTHENON LITTERARIO**

---

**TERCEIRO ANNO**

JANEIRO DE 1874

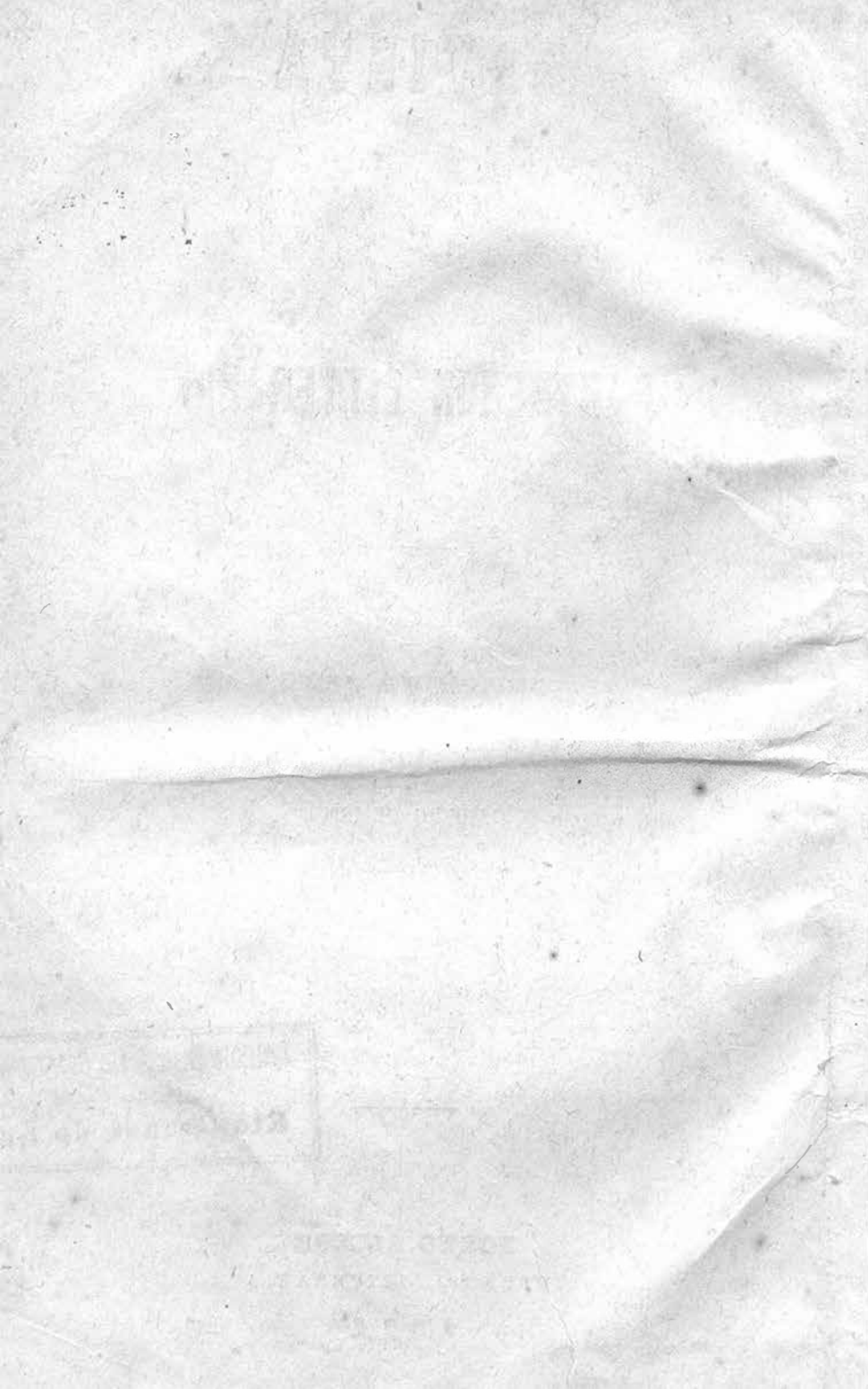
I

---

**PORTO ALEGRE**

**IMPRESA LITTERARIA**

**1874**



# J. V. DE ABREU E SILVA

(ESBOÇO BIOGRAPHICO)

---

## I

Ainda não sou a hora que deve marcar o triumpho das letras n'este paiz; ainda está bem longe a aurora irradiante que, surgindo no horisonte do Brazil, illuminará o portico da grande fabrica, onde o sabio e o litterato trabalharão em commum, livres da tutella que os subjuga e esmaga no presente.

Trabalhar pelas letras, onde desgraçadamente o povo não se compenetrou da valia de seus escriptores, onde tudo que é nacional, tem por unica recompensa o indifferentismo e a critica tacanha e desfaçada que encobre o nome porque não sabe respeitar-se a si; n'essa terra, não ha esforço nem estimulos que se não esmoreção, não ha talentos que se não percão, não ha illusões que se não esfolhem, não ha fé que se não extinga.

Quando, no meio d'esta athmosphera, um talento acercado de esperanças solta as azas purissimas da imaginação e transcende as espheras, reparai bem, é um novo martyr que d'aqui á pouco recosta a fronte contemplativa e suarenta no leito das agonias; vel-o-heis debatendo-se no mar das decepções, exaustão, descrente, vencido.

Vel-o-heis, aguia sem espaço, manietado ao equileo das desillusões, voltado para o mundo real, d'onde sahira em busca das grandes conquistas, tendo nos labios o verbo sublime dos emissarios de Deus.

Vel-o-heis morrendo no isolamento, envolto no sudario dos

candidos affectos dar de face com um cypreste, quando os vinte annos promettião-lhe uma gloria e a musa da poesia apontava-lhe o alcaçar da immortalidade.

Vel-o-heis pobre exilado, com os olhos lacrimosos para o céu, estancia dos que perderão na terra a derradeira esperança.

Foi assim que succumbirão Alvares de Azevedo, Macedo Junior, Gonçalves Braga, Laurindo Rabello, Junqueira Freire e talvez João Vespucio de Abreu.

E quem não sabe a historia de tantos outros que, impellidos por uma força irresistivel, desfolharão as rosas da mocidade sobre o altar da litteratura?

E' que entre nós as lettras, longe de garantirem um meio de subsistencia ou uma posição independente, são um martyrio, uma angustia, um desassocego incessante.

Para todas as vocações abrem-se de par em par as portas da fortuna; só o escriptor brasileiro vê-se isolado no seio d'esta sociedade materialista e sceptica, que mata as aspirações nobres, e ri-se das sublimes concepções.

Abri as bibliothecas e dizei-me se não é tristissimo ver milhares e milhares de volumes só estrangeiros, n'um paiz onde os talentos pollulão e tantissimas vocações brilhantes poderião figurar ao lado das potencias litterarias e scientificas, que são o orgulho de sua patria?!

Mas como quereis escriptores n'uma sociedade que não se enthusiasma pelas suas glorias e paga com tamanha indiferença e ingratidão áquelles que trazem do berço uma missão providencial?!

Como haver escriptores, quando vemos na actualidade José de Alencar, o mais legitimo representante da litteratura brazileira, amesquinhado pelos proprios concidadãos, que deverião orgulhar-se de tão notavel e preciosissimo engenho?!

Porque esmorecerão, logo no começo, Quintino Bocayuva, Pigneiro Guimarães, e tantos outros que promettião libertar e engrandecer o nosso theatro, até hoje tutelado do estrangeiro?

Enervou-os a politica?

Não, a politica foi o epithema, unico talvez, que podia sanar as tristezas que lhes amarguravão a alma; a politica foi para elles um desafogo, o adormecer de um culto, que subsiste recolhido no sacrario do coração.

Para abafar e consumir certos abalos moraes, é mister atordoar o espirito; foi isto que fizeram tantos moços; a politica com todo o seu cortejo de agitações, com suas guerrilhas e combates, com seus triumphos e derrotas, fel-os esquecer a vestal purissima da poesia.

Outras vocações, porém, abandonão o campo da litteratura e

desapparecem para sempre; nem animo teem para novas locubrções da phantasia, os primeiros lampejos esvaecerão-se, as chimeras douradas desfizerão-se em triste realidade, as forças intellectuaes exhaurirão-se na descrença.

Assim, a physionomia litteraria do Brazil é apenas um pallido reflexo do que poderia ser, um bosquejo apagado na tela immensa e sumptuosa d'esta natureza sempre luxuriante e poetica.

D'onde provém o contraste?

Que causas actuão sobre a paralisação das lettras?

Porque o theatro copia e imita?

Porque o romance ainda vacilla e uma ou outra penna sahe dos acanhados moldes dos trabalhos ligeiros?

As causas, sabe-as melhor do que eu, o povo que não se enthusiasma nunca pelas suas glorias, e, ao inverso das outras nações, tem sempre homenagens o estimulos para o que traz rotulo estrangeiro.

Longe de nós a ideia de insinuar<sup>7</sup> no espirito popular a prescripção das obras de arte que nos veem lá de fóra; não; o que quizeramos, o que desejáramos era mais imparcialidade, mais justiça, mais acolhimento para o que nasce n'esta terra e precisa ser aviventado por ella.

Se o theatro declina, é porque estão fazendo d'elle (para vergonha nossa e copia de nossa falta de patriotismo) uma industria tórpe, um balcão que se destina a trapassar com o gosto perverso, que paga para assistir ás deploraveis aberrações da arte, ás indigestas sensaborias dos histriões, ao despejo e á licença que pervertem os bons principios.

Preferimos uma traducção informe ou uma novella franceza licenciosa e frivola aos melhores romances de Bernardo Guimarães.

Para ser condemnado um livro, basta sómente que o autor seja nacional, que nos falle de nossa vida e costumes, que nos pinte as paysagens magnificas de nosso berço.

E depois, sobre a indifferença publica, ha uma alluvião de criticos farejando por todos os recantos!

Triste presagio de uma decadencia litteraria!

• Criticos que mal sabem ler o que os outros escrevem e não entendem o que dizem; criticos sem consciencia, sem exame, sem analyse; invejosos e nescios que abocanhão as reputações, assaltão os engenhos modestos que atirão á publicidade as primicias do trabalho.

E esta raça de parvos nasceu com outra raça não menos parva: referimo-nos á esses *poetas* de facil *improviso*, eternos choramigadores que atormentão a humanidade.

O que é verdade, é que o movimento litterario do Brazil ope-

ra-se lentamente; na apparencia é brilhante; á luz da verdade, á luz da analyse, porém é tardo, indolente.

Escasseão talentos?

Não, faltão estimulos.

Do que vale lançar a semente sobre o solo uberrimo, quando não ha braços para a colheita?

## II

Entre os poetas d'esta provincia figura com legitimo direito o finado João Vespucio de Abreu e Silva. Desde tenra idade mostrou uma vocação irresistivel para as musas; alma cheia de enthusiasmo e de fé, librava-se nos espaços do ideal e lá de cima dedilhava na harpa das sublimes epopéas.

Cantou, mas seu canto ao principio festival como um hymno de alvorada, foi breve; ao depois parecião suspiros as notas arrancadas ao instrumento; era o coração a estremecer de duvidas e presentimentos; o horisonte a empanar-se, quando o sol da mocidade aquecia-lhe a fronte e as flores da primavera refflorião nas campinas natalicias.

É por ventura João Vespucio teria alcançado um renome litterario, se a morte não viesse ceifal-o prematuramente.

Ambicionava os laureis do genio e para mercel-os, para alcançal-os trabalhava sem repouso, com uma dedicação filha só de espiritos nobres e patrioticos.

Todas as suas forças intellectuaes, porém, não poderão vencer as barreiras alevantadas pela indifferença; tinha nascido n'um paiz onde a intelligencia precisa bater de porta em porta para receber algumas migalhas em troca de tantas vigalias e locubrações!

Desesperou... amergeu a fronte de levita como as flores ás primeiras lufadas do inverno.

Foi talvez n'uma d'essas horas de tremenda luta moral que João Vespucio escreveu essas estrophes repassadas de agonias que intitidou *Solidão*.

Porque tão cedo sepultada em pranto  
Oh! minha alma, soluças incessante?  
Tu não vês na existencia tantas flores?  
Não é o mundo um valle tão festivo  
P'ra tantos que gozando sempre vivem?  
Porque pranteias pois? Achas ingrata.



A morada, que Deus doou ao homem?  
Ou talvez vãos desejos te torturão,  
Desmedida ambição luta em teu seio?

Não ha ali n'esses versos o agonisar de uma alma predestinada, que procura na religião o balsamo unico para as grandes vicissitudes?

E contudo João Vespucio deixou documentos valiosissimos do seu talento; no Rio de Janeiro, onde foi procurar alivio aos seus padecimentos, lá mesmo abatido por uma molestia terrivel, consagrava-se ao arduo mister da imprensa, redigindo o *Diario*, collaborando no *Correio da Tarde*, escrevendo esses folhetins que lhe valerão a reputação que gozava entre os homens de lettras.

Pouco e pouco os sonhos de gloria esvaecerão-se-lhe como uma fagulha em céu de negro.

E' que o genio aqui tem uma craveira limitada pela ignorancia; João Vespucio não encontrou horisontes para seus vôos, encolheu as azas ante o prosaismo da existencia, e deixou-se arrastar como tantos outros na onda dos acontecimentos.

Ouçamos a seu respeito o que disse o *Mercantil* d'esta cidade no dia de seu passamento:

.....  
« Souhou talvez na gloria, mas outro sonho fatal e lugubre o despertou — o da miseria.

Seguiu o magisterio n'um estabelecimento de instrucção da cidade de Pelotas, onde mostrou em suas prelecções de historia universal a força de sua intelligencia e a solidez de seus estudos.

Ahi começaram seus primeiros incommodos. Já era a molestia que desprezou sempre e que acabou por vencel-o. Deixou o collegio, e recolheu-se ao seio de sua familia n'esta cidade.

Foi nomeado secretario do lyceu, onde mostrou que sua intelligencia estava acima de seu emprego. Servio pouco. Seus padecimentos aggravarão-se e forçado pelos conselhos de sua extremosa familia e de seus amigos foi procurar na côrte um clima mais benigno.

Amava a imprensa, e ella não podia deixar de acolher agradecida um levitã que sabia comprehender e praticar os seus dogmas santos. Toda essa mocidade da côrte, ricas esperanças e futuras glorias de seu paiz, o acolheu em seu seio, como um irmão, alegre e respeitosa.

Gozou alguma saude. Mas a terra de sua infancia, a familia, os amigos, e uma imagem doce e casta, que ainda mais acerba lhe tornava a saudade, tudo isso o impellia com a cegueira do destino para a terra de seu tumulo.

Veio nomeado administrador da mesa de rendas geraes da cidade de Bagé. Aceitou a nomeação contrariado. Poucos mezes occupou esse lugar. Servia ainda quando foi nomeado ajudante do administrador e logo depois administrador do correio geral d'esta provincia, cujas funcções desempenhava ultimamente.

Antes o circulo de Rio Pardo, na passada legislatura, lhe conferia espontaneamente a honra de seu deputado supplente assembléa provincial, onde tomou assento e foi notavel a maneira illustrada, imparcial e conscienciosa com que se houve em todas as questões.

O seu ultimo emprego o obrigava a fixar definitivamente a sua residencia n'esta capital.

Sabia elle por uma dolorosa experiencia, que passava peor em Porto Alegre, mas o destino e o coração o arrastavam.

Um dos bellos sonhos de sua mocidade, que mais ardentemente desejava ver um dia realiado, realisou por fim.

Mas como foi tenue e passageira essa sombra de ventura!

Houtem a morte despedaçou cruelmente os laços tecidos pela religião e pelo amor, que o ligavão a uma esposa joven e adoravel!

Tres mezes só! Se ainda fossem de felicidade... mas tres mezes de cuidados, de vigalias e de angustias e por fim o apartamento inconsolavel!

As lettras, que lhe enchião as horas do descanso e da tristeza, perdem um cultor estimavel, um poeta que as honrava, que serit uma de suas glorias, se a sua ingratição não quebrásse o pedestal dos escolhidos.

Diante d'esse feretro não póde haver indifferentes. Foi uma consciencia immaculada, uma cabeça prophetica, um coração virtuoso, um servidor dedicado, um nome puro, uma mocidade brilhante que desapareceu: — todos perderão! »

João Vespucio de Abreu e Silva era filho legitimo do tenente-coronel João Luiz de Abreu e Silva e da Exma. Sra. D. Antonia Carolina de Lima Abreu e Silva, ambos já mortos.

Aos 26 de Outubro de 1861 o povo de Porto Alegre assistia aos funeraes do desventurado poeta, que era uma esperanza da patria, e fôra um martyr na conquista do futuro.

Na terra onde nascera, descanso as cinzas de João Vespucio; o seu berço e tumulo foi esta cidade; o Guahyba em seus murmurs dolentes chora ainda o desaparecimento do seu cantor maviosissimo.

Nós, a mocidade, rendemos uma homenagem ao talento, ás virtudes, ao martyrio do poeta da *Solidão*.

H. R.

P. Alegre, Janeiro de 1874.

# PAI FELIPPE

(UM EPISODIO DE XARQUEADA)

---

## A SAFRA

Vai a safra a todo o rigor e a negrada estrompada pelo cruel serviço da xarqueada, geme e resmungua sobre o boi que a perita faca acaba de sangrar.

Já por tres vezes o hospital encheu-se de carneadores semi-mortos de canção; e já por tres vezes foi despejado á força de cotia pelo severo Manoel Gomes.

E a negrada renegando-se da sorte, passa as noites na cancha e os dias nas pilhas e na salga...

Todos os dias á tarde: « Eh! boi... Que sinhô brabo, meu Deus; pensa que negro é de ferro! » murmura a multidão escrava emburrando as matanças no varal.

E uma cordilheira de gado, formigando pela manga se avista.

A negrada presta ouvido afflicto á monotona toada dos tropeiros: aos apodos que vão atirando ao gado ao trazer a tropa á encerra.

— Mais boi! Eh, que sinhô brabo! pensa que negro é de ferro.

E o sol morno e fraco que enfarruscado luzira no dia por entre caligens, descamba no occaso, insipido como um dia de ventania.

A escuridão desdobrando-se sobre o plaino de Pelotas n'ũa facha de agoniante tristura, deita-se ao balido tormentoso e gelido do minuano.

E a noite de chegada arrancha-se, com toda a sua medonha comitiva de horrores.

No galpão da cancha ás lufadas da ventania tremem, nos lampeões mal cerrados, que de espaço a espaço sombreão, as luzes pallejantes.

Não ha muito que o sino tocou a recolher e já se ouve o rangido das zorras e dos trilhos se limpando; não ha tres horas que a negrada o corpo fatigado atirou sobre a tarimba.

Mas nem repouso permite a sorte ingrata aos bastardos filhos do trabalho!

Durante o dia um affan que começa com o sol e com elle só finda, e que resurgindo ainda á noite, mal na torre da matriz distante tange o sino sobre o dia que morre as suas dose badaladas merencorias, e já a sineta da xarqueada casa com os uivos da ventania feroz o seu clamor de despertar.

Treme a porta da senzala ás bordoadas do cabo do relho do capataz e do vento enveredando pelas frestas das portas desconjuntadas assobia pelos galpões e armazens.

O Manoel Gomes bate queixo e tiritita de frio apesar do poncho enorme que lhe desce sobre os joelhos.

— Acorda, corja de malandros! O breto já está cheio e ainda no carro e na manigueira ha muito boi que descascar.

Estremunhando de somno levanta-se o escravo.

A esta hora em que os felizes aconchegando a coberta ao corpo tranquillos saboreão o macio calor da cama, arrebetados de cansaço e frio soffrem a dureza da sorte os desvalidos filhos da escravidão.

Lufada após lufada do minuano arrasta as azas impetuosas no chão da cancha ensanguentada.

Tremem as luzes pallejantes dos lampeões luzindo no gume das facas afiadas dos carneadores.

Os mugidos lugubres das rezes que o sangrador vai uma a uma enchugando, enterrando-lhe até ao cabo a faca na nuca, cação-se funebremente aos uivos da ventania, aos gritos de raiva do capataz e ao borbórinho dos negros que se acotovellão.

A noite escura como o breu abandona o negro seio aos furiosos affagos do minuano, que sobre elle se rebolea convulsivo.

## II

### VELHO CARNEADOR

De instante a instante alça-se a porta do corredor, e puchada por dois negros sahe a zorra conduzindo uma rez expirante. Ora

a um lado, ora a outro da cancha a atirão, e um carneador d'ella toma posse.

Entregue a rez á faca perita, d'ahi a minutos está feita em postas, e ahi vem outra occupar o lugar d'essa na cancha, de ponta a ponta juncada de gado algum morto já, outro moribundo e não pouco espreneando com meio couro já despegado do corpo.

O sangue deslisando pelos declives do galpão vai despenhar-se em borbotões nos regos que as suas ondas negras avermelhadas vão despejar no rio.

De vez em quando tinem e retinem as facas se amollando nas chairas, enquanto a rez agonisante, debaixo d'ella vidra o olhar embaciado pela morte.

Lá junto ao portão do curro está pai Felippe Maranhão, o mais dextro carneador de quantos n'essa turba, na chaira, afião a faca. Vinte e quatro rezes, raramente menos e por vezes mais, esfolia por noite, e nunca em cada safra esquartera menos de cinco mil.

Desde que o picote de xarqueada vestio, tem carneado cento e oitenta mil rezes.

Mas, porque pai Felippe, que sempre trabalha resignado e contente, hoje mostra-se triste?

Porque o carneador decidido e voluntario, com visivel esforço entrega-se ao serviço?

A sua faca hoje não carnea a rez como hontem acompanhada de uma canção alegre, d'essas que na terra natal inspirão os momentos de contentamento; e o dextro carneador não entõa a toada voluptuosa que aprendeu nas roças do Itapicurú.

Sua alma por vezes revõa áquelles climas ardentes, onde á sombra da carnaúba foi aleitado, onde deixou entes queridos; lá possui uma mãe e não sabe se irmãos existem.

Lá deixou affectos que não encontra aqui, no paiz do exilio; lá conheceu doçuras, se para o escravo doçura consente a cruelissima fatalidade...

Aqui os regelos do inverno o inteirição no picote; aqui só sente affagos do minuano que frigido vara o corpo até os ossos.

Pai Felippe scisma e sente saudades das mattas natalicias...

Berço, ó berço infantil! A alma do filho ausente volve a embalar-se em ti!...

## III

## DE DIA

O céu para o dia desanuviára-se; de negro tornou-se branco pardacento e as barras do dia apontarão descoradas na insipidez do firmamento. O minuano alta noite amainou a furia; por isso o dia nascente apresentou-se calmo, porém frio como um garoar de neve.

A matança continuava ainda.

Por vezes resvalou a faca das mãos entanguídas dos carneadores; nos braços valentes a força, com o frio que suspendia a circulação do sangue, se paralisava, enquanto os dedos endurecidos se recusavam ao tacto.

Alguns copinhos de cachaça distribuídos reanimavam-os, porém por instantes, que logo se impossibilitavam com o frio que lhes tinha mãos e dedos encarquilhados como guasca encarregada.

Quando cento e quarenta rezes carneadas se mostrarão, deu-se a matança por concluída. Pai Felipe teve apenas deseseis.

As zorras rinchavam sobre os trilhos conduzindo as ossamentas, e na mangueira de ventas dilatadas berrava o gado haurindo o odor de sangue irmão.

Dividida em turmas proseguio a negrada no labor activo. Enquanto os chimangos desemburravam as matanças no varal, os carneadores infringião ás mantas ainda palpitantes os ultimos lanhos.

Depois os salgadores apoderarão-se das carnes quentes a latejarem com resquícios de sensação, e sobre as mesas estendendo-as, atirarão-lhes pás de sal, de fino sal de Cadix, com que as esfregarão...

Outra turma de negros para alliviar o galpão punha uma pilha fóra.

Enquanto estes serviços se fizerão com o ligeiro intervallo da comida, o dia, o frio dia de inverno, em que o sol por momentos mal luzio, tocou ao termo.

Pelos regos sujos da xarqueada que conduzem ao rio, o sangue em ondas negras corria velozmente em borbotões.

A noite vinha se avisinhando.

— Ligeiro, ligeiro com isso, berrava o capataz. Que diabo de lombeira de malandrice têm vocês? Não vêm que o dia está aca-

‘bado; que o galpão está ainda cheio de palhas, que, se vem uma  
invernada, ha mais carne catिंगosa que o diabo? Vocês não en-  
chergão a mangueira cheia e não se lembrão que logo temos  
tropa na manga? Pois toca a andar com isso, que eu não quero  
manhas.

Com o serviço que se ia accumulando seguidamente, pois o  
patrão era homem sem dó nem piedade capaz de arrematar todo  
o gado da Tablada n’uma safra, que os negros matarião lá como  
pudessem, — O Manoel Gomes começava a ser apertado pelas  
suas enxaquecas, e então era homem de má veneta.

— Amanhã ha sal para descarregar que o hiate está ali.

E bateu estrondosamente com o cabo da cotia no chão.

Descarregar o sal do hiate era um dia de serviço.

— Hum! hum! meu parceiro, nós temos catumbá; branco  
está brabo como uma jararaca de cruz.

E ouviu-se a açoiteira do relho: lepum, lepum, roncar nas  
costas de Antonio Moçambique.

De todo escureceu e a sineta tocou a recolher.

‘Continúa.

VICTOR VALPIRIO.

# GEORGINA

(ROMANCE)

---

XII

## AMOR E DEVER

O aspecto da ilha era luctuoso e merencorio.

● minuano no espaço soprava com força por entre os galhos das arvores, despojadas de suas verdes roupagens pelas intempéries e regelos de Julho...

As geadas tinham desbotado a côr do extenso vargado e aniquilado a sua opulenta vegetação.

Não havia uma estrophe de vida no seio d'esta natureza morta, apenas interrompida no seu silencio, pelas endeixas da jurity desatadas no recondito da floresta e os rumores longiquos da cascata espadanando em seu leito de granito.

Funda melancolia saturada de fel, impregnava a athmosphera da ilha outr'ora tão cheia de encantos e agora aspergida de tristores, brotados á sombra d'um céu de nevoas.

A viração que em diãs mais bellos povoava a amplidão de melodiosos accordes, aterrada fugira, indo pedir vida e harpa á outros céos menos sombrios.

Fôra pedir, porque o minuano em sua passagem impetuosa tinha-lhe estalado as cordas colias de sua lyra, dependurada nas franças do arvoredado e em estilhaços arrebatada nas azas do temporal.

Não havia n'esse quadro recamado de sombras nem sequer um



dubio raio de luz, nem os seios d'essa natureza moribunda exhalava um resfolgo de vida.

Tambem a casinha branca identificou-se com a melancolia que a rodeia; já não é a garrida e festiva habitação, ninho dos sorrisos, franqueando seus humbracshospitaleiros á ventura e alegria.

Não... é tudo triste em redor d'ella, silencioso e grave como o funebre recolhimento de um cemiterio...

Serão effeitos das impressões da estação hybernal ou quem sabe se das decepções do mundo que vão escrevendo suas paginas dolorosas no livro santo da familia?

Indaguemos a verdadeira causa e remontemo-nos a um passado de pouco tempo.

Julio partindo, deixára sua noiva em prantos á banhar a funda ferida da auzencia aberta em seu coração apaixonado.

Partindo criára um poema em flôr, cujos perfumes activos empalledecião uma fronte sonhadora de criança á desmaiar de amor e saudade.

A lagrima é um balsamo suave como a saudade é um amuleto sagrado do amor, porque é o mais nobre culto que o presente presta ao passado.

A auzencia era tão recente que seu doloroso dominio não podia deixar de imperiosamente influenciar sobre a desditosa moça, influencia que como uma corrente electrica corria de Georgina para apoderar-se de toda a familia, polido espelho de affectos, onde ião-se reflectir as mais fundas e amargas tristezas da pobre donzella.

Se um morno abatimento transparece na habitação de Magalhães, se a casinha branca mostra trajar luto, é que no seu sacario intimo julga que não pôde vestir gallas e adornos, quem tem no coração nobres crenças prestes a serem esmagadas pela manopla ferrea da adversidade.

A familia assim o comprehendia e recolhida no intimo do lar lamentava em segredo os funestos acontecimentos, que tinham vindo perturbar a doce serenidade ahi gozada até então.

Magalhães esgotára toda a sua boa logica e extremos para consolar a filha, cujas lagrimas erão ferinos espinhos que ião-lhe desápiadadamente magoar seu bondoso coração.

Com toda a sua experiencia o velho errára pedindo de chôfre um impossivel á pobre menina toda desfeita em lagrimas.

Exigir da moça resignação e moderação de transportes em face de um acontecimento tão recente, era aspirar intempestivamente aquillo que com vagar só o tempo pôde conseguir.

Georgina ao sentir a ardentia da canicula crestar-lhe sua fronte alva, ao contemplar sua alma atufada n'um mar de desilusões, não podiadeixar de soffrer muito, quando as lufadas da des-

ventura vinhão pela primeira vez destruir impiedosamente as odorosas coroas de sua mocidade e abalar a fê da sua mais bella religião — a do amor.

Exigir da pobre moça o contrario, era querer um impossivel.

Ein semelhantes dôres o tempo e as lagrimas consolão mais depressa do que os melhores raciocinios; desgraçadamente Magalhães não entendia assim e descrente de seus esforços, duvidando mais de si do que da falta de meios, recorreu a um outro expediente tão falso como o anterior.

E escreveu a Leoncio contando-lhe que Georgina inconsolavel e entregue a uma dôr immensa que já ia fazendo estragos em sua natureza delicada, inspirava-lhe os mais serios receios e n'uma occasião tão desesperada como esta o velho invocava a valiosa cooperação do moço em favor de seus bons desejos de pai. Concluia pedindo-lhe que viesse para a ilha afim de ajudal-o em sua causa, declarando esperar muito do mesmo, cuja presença na sua opinião seria bastante para mudar as scenas tristes que povoavão seu lar domestico.

Era um erro, uma falsa esperança alimentada por um cerebro abatido pelo cortejo de inesperados acontecimentos e que devia esquecer-se ao sentir o baptismo da experiencia dos factos.

Assim aconteceu.

Leoncio ao receber a carta de seu padrinho, em poucas horas transportou-se á ilha, conduzindo comsigo sua boa vontade e uma abnegação anonyma para depôl-a nas aras do tabernaculo da familia.

Alma grande, tinha coragem para fitar com serenidade o Calvario que voluntariamente devia subir como um martyr.

Sua fronte empallescida pelas vigalias estava cingida por uma aureola luminosa — a da resignação, sublime sentimento que as almas mais fortes nem sempre possuem.

Tendo por alvo uma missão, por companheiro de jornada o dever, Leoncio correu pressuroso ao appello do tio.

E' um missionario que chega, deixemol-o passar.

Chega e com elle uma noticia desoladora, mas prevista por todos. Luiz de Aguiar morreu, feliz ainda porque sua ultima vontade fôra satisfeita, morreu entre os braços do filho.

Magalhães começava no emtanto a conhecer que a presença de Leoncio em nada minorára os males, nem tão pouco suavisára as scenas que amarguravão seus ultimos dias.

O velho desanimado assistia á suas desillusões e pedia ao futuro que remediasse as desgraças que seus esforços não tinham podido evital-as.

Na espectativa corria o tempo.

.....

Era de tarde . . .

Em um dos mais afastados caramanchões que circumdão o pomar, acha-se Leoncio todo entregue á fundos scismares.

Alguns dias de convivencia e em presença dos pezares de sua irmã adoptiva, que tanto devião commover seu coração, tão martyrisado pelas contrariedades, o pobre moço sentia a força de vontade vacillar e a robustez de sua energica alma desfallecer agonisante n'esta pugna terrivel.

E o ipé secular lutando com a tempestade, embora conchegado e protegido pela floresta, tambem não treme e vacilla ante o embate dos elementos?

Treme e não é só elle, é a floresta inteira. E quando o tufão vò a outros climas em busca de novos inimigos, deixa em sua passagem um rastro de destroços . . .

As lutas moraes tambem são assim. Ai d'aquelle que um dia sentio o seu contagio, porque para sempre trará os vestigios escriptos na pallidez das faces e nas rugas que sombreão a fronte.

Leoncio ao vir para a ilha tinha confiado de mais em suas forças, ignorando que a convivencia, o halito da mulher amada não prende só, mas subjuga e escraviza.

Não reflectira, nem conhecera, que na distancia e na auzencia estava todo seu valor e como o Anteo da mythologia devia ser esmagado desde o momento que abandonasse o terreno da luta tão favoravel para si.

O broquel que escudára-o até então, estava quebrado, auzente teria resistido; mas á sombra do mesmo tecto devia fraquear.

Como o Anteo da tradicção tinha um elemento que dava vida á sua vontade agonisante, e desde que essa égide protectora desapparecia, a resistencia tornava-se um impossivel

Elle assim o reconhecia e os seus scismares nascião ante essa verdade terrível que tinha medo de total-a.

Alma vazada em nobre molde e fina tempera tremia comtudo como o junco do lago jogado pelas ondulações das aguas.

Tremia, e o coração tímido de emoções não podia conter as vibrações desenfreadas das arterias

O que passava-se no intimo d'aquella consciencia só Deus sabia.

Pouco a pouco o moço com as faces desbotadas pela agitação, que turbilhonava no interior de sua alma, abatido, sentou-se no banco junto da mesa collocada no centro do caramanchão e mais a mais entregou-se a seus dolorosos pensamentos.

Parecia que um espasmo tinha entorpecido os sentidos de sua natureza e que toda sua vida estava reconcentrada na labutação de seu espirito.

Momentos depois escondeu o rosto entre os braços pousados sobre a mesa em posição de quem dorme. . .

Por longo tempo conservou-se Leoncio completamente recolhido consigo mesmo.

Tão engolfado em seu meditar estava, que não ouviu o ruído de uns passos pizando as folhas seccas que cobrião toda a superficie do pomar.

O vulto tristonho de Magalhães assomou na porta de entrada, fitou Leoncio e entrou, indo até elle sem ser presentido.

— Dormes, Leoncio? disse o velho ao mesmo tempo que de leve tocava-lhe no hombro.

O moço ao som d'essa voz ergueu-se de um salto, mostrando uma phisionomia livida e toda coberta de lagrimas.

Magalhães sorpreso recuou aterrado; passada porém a primeira impressão, correu ao moço e pegando-lhe n'um dos braços, todo afflicto interrogou-lhe:

— Que tens Leoncio!? o que soffres? explica-me a causa d'essa lividez e de tantas lagrimas!?

— Não é nada, padrinho. . . não se agonie. . . foi uma dôr passageira. . . já passou-me; respondeu o joven cheio de confusão, querendo compôr o rosto que trahia-lhe os segredos de sua alma e tentando esconder as lagrimas que já não podia occultar.

Magalhães largou o braço do affilhado e contemplou-o em silencio, notando a transformação porque passára aquelle com quem duas horas antes tinha estado.

Leoncio, proseguio o velho depois de um curto silencio, sê sincero comigo, o que soffres?

E' . . . balbuciou o moço com a voz ainda tremula, é simplesmente uma dôr physica, não lhe dê cuidado, já não sinto nada.

Magalhães continuou fitando sempre o affilhado.

— Reconheço que sou demais aqui; disse elle pausadamente, mas creia que só o acaso me faria ser pela primeira vez em minha vida um — indiscreto: e o velho ao proferir com amargura estas palavras dirigio-se para a porta do caramanchão.

Leoncio impedio-lhe a sahida dizendo-lhe com a voz angustiada:

— Não, padrinho, o senhor não sahirá d'aqui esmagado por uma desconfiança, nem arrastado por um resentimento. Invoco-lhe a memoria de meu passado, no qual jámais deixei de tributar-lhe, á par da veneração que sempre soube inspirar-me, a gratidão infinita de um homem que, se na sociedade em que vive merece alguma cousa, ao senhor deve tudo. No meio da obscuridade de minha vida, guardo ainda religiosamente os sentimentos nobres que o senhor cultivou-os em meu coração, elles forãe a estrella luminosa do cóo de minha infancia que guiarão-

me até por entre as sarças da senda da mocidade, como espero ainda, serão no fim de minha existencia a luz que ha de ensinar-me o caminho da eternidade. Creia-me, minha alma é bastante ciosa de seus bríos para treçar a tunica pura que a envolve pelo manto lazarento de um mentecapto.

— Jámais duvidei de teus sentimentos Leoncio, apenas puz em duvida a explicação d'essas lagrimas que disseste serem filhas de uma dôr do teu corpo. Duvidei, porque os homens como tu não chorão assim, não é uma dôr physica bastante para abater a robustez de seu espirito... Desconfiei que em tuas lagrimas havia um segredo, talvez um pezar acalentado no silencio, buscando expandir-se na solidão... Não tendo o direito de penetrar o fôro intimo de tua alma, almejava reparar uma indiscripção que, filha do acaso, ficava desculpada com minha retirada exponentea, aconselhada pelo dever. Assim pensei, assim devia fazel-o.

— E se o meu soffrer, padrinho, fosse um mal moral, o que faria o senhor se eu o revelasse?

— Faria o que me dissesse a minha experiencia, n'ella me inspiraria para aconselhar-te em nome da amisade que te voto.

— O que devia fazer, eu o sabia; porém mais forte que minha vontade, arrastou-me a onda dos acontecimentos. A correnteza levou-me... embora prevesse o perigo que não pude evitar. Agora como o naufrago lutando n'um mar de escolhos, só diviso um impossivel que me soffoca...

— Eu sei avaliar os teus pezares sem os conhecer, porque melhor do que eu ninguem póde julgar a fortaleza de tua alma. Mas não haverá uma esperança, uma restea de luz que alente teu espirito abatido pelo desanimo?

— Não ha... é a desgraça de um naufragio e para cumulo de minha infelicidade, ha um céu de negrume onde a tempestade promette em breve campear altaneira. Aos meus pés tenho o — infinito do oceano — e sobre a fronte o resfolgo do tufão...

— E esse soffrimento, interrogou o velho acentuando em cada palavra, é um mysterio que ninguem tem o direito de total-o, embora animado por uma boa intenção?

O silencio succedet ás palavras do velho.

No cerebro do fabricitante moço mil idcias redemoinhavão.

Após curta mudez Leoncio todo agitado ergueu-se, dirigindo-se á Magalhães.

— Antes de revelar-lhe o que passa-se em mim, prometta-me ouvir com benevolencia. Ouça-me e perdõe-me, eu sou mais a victima de um fadario do que o filho de um abuso de confiança. Lutei com todas as forças de minha alma, succumbi amortalhado em minha razão agonisante, desventurada filha do meu espirito que em vida assistia os funeraes de meus anhos de moço...

Amei, e, se ha amores castos, o meu é um d'elles porque está santificado pelo martyrio. Na idade em que todos vivem de esperanças nascidas e brotadas pela luz de festivas primaveras, eu só tenho um livro negro e por esperanças um tumulo de decepções. Taes tem sido os gozos da minha mocidade. Amei como se ama uma só vez na vida, amor crescido na soidão, acalentado no mysterio de minha alma, sem que jámais alguém desvendasse seus arcanos. Fui infeliz, victima do destino curvei-me resignado ante o poder de sua vontade. Soffri muito, soffri calado sem jámais soltar um queixume. Vivi junto d'essa mulher sem nunca ouzar dizer-lhe o que sentia, porque entre mim e ella havia uma barreira: era a da fatalidade. Correrão-se os tempos e um outro mais feliz do que eu alcançou d'essa moça o amor que eu não soube inspirar. . . . Desde então como o Ashaverus da tradição caminhei e caminharei escravo de uma missão maldita, até que um dia ao resvalar no tumulo eu sepulte com o corpo a legenda de martyr que trago escripta na fronte. Curvo me resignado ante minha desventura, mas não posso mais viver á sombra do mesmo céu onde respira essa moça; e quando meu pulmão necessita resfolgar vida, sorver um ar mais puro, eu luto no seio d'essa athmosphera que estiola e suffoca-me. . .

— Não me interrogue, padrinho. . . deixe-me partir, tenho medo de ser demasiadamente sincero e não desejo perturbar a paz de ninguem; e o moço á estas palavras escondeu o rosto entre as mãos tremulas pela commoção.

— E essa moça, interrogou Magalhães com a fronte enrugada, quem é, qual é seu nome?

— Não posso pronuncial-o, porque não tenho direito para fazel-o. No que acabei-lhe de dizer, ha uma escusa para um procedimento futuro; tenho necessidade de partir, porque acima de meus desejos está uma vontade superior. Devia-lhe uma explicação, não desejava retirar-me de seu lar, ninho hospitaleiro de minha infancia e mocidade, na occasião em que a tristeza e o soffrimento invadem-lhe o seu santuario. Explicando-lhe o que vai porminha alma, esperava indulgencia de sua generosidade e espero que vai conceder-m'a.

— Depois que tiveres pronunciado esse nome, não opponhomete a tua partida; mas não quero tambem ficar aqui esmagado debaixo do peso de uma desconfiança, disse o velho erguendo-se do banco.

— Padrinho, o senhor pede um impossivel, tornou o moço. . .

— Mas que eu exijo em nome de um sentimento que ensineite a respeitar — o da honra.

O moço ergueu-se ferido e sem vascillar pronunciou o nome de — Georgina.

O velho nem pestanejou ; mas com severidade e amargura disse :

— Esse segredo é a historia de um crime, como esse nome em seus labios é uma injuria ; minha filha ligada por um compromisso de honra, só póde encerrar uma esperança para um visionario. Magalhães voltando as costas buscou a porta.

A pallidez de Leoncio trocou-se em uma lividez de cadaver ; obstando a sahida do velho, disse-lhe com a agonia do desespero :

— Não revelei-lhe a historia de um crime, nem o nome de sua filha em meus labios é uma injuria. Fiz-lhe uma confissão, voluntaria, manifestação de uma alma que não soube ainda enloldar seus brios nem baratear impunemente a felicidade de uma familia depositada entre suas mãos. Não, padrinho, prezo-me de ser bastante virtuoso para necessitar que o senhor ensine-me ainda o que é virtude. Tranquillise-se, eu sei o que o dever impõe-me, tenho muita coragem para ser aqui a unica victima d'esse tremendo holocausto moral. . . Mas não troquemos os papeis, pertence-me a mim retirar-me ; eu partirei para não perturbar por mais tempo a ventura de uma familia da qual sou tão zeloso como o senhor. . . Um ultimo pedido tenho a fazer-lhe : espero que Georgina ignorará o que acaba de passar-se entre nós e peço a Deus que o senhor jámais se arrependa do juizo temerario que não trepidou formular em desabono da integridade de meu caracter.

As palavras do moço callarão profundamente no coração de Magalhães, que agitado por funda emoção deteve Leoncio, e apertando-o entre os braços disse-lhe todo commovido :

— Não maldigas teu padrinho, aceita minha mão de amigo e não partas. . . Escuta-me, aqui ainda ha lugar para nós ambos ; o sol da fatalidade quẽ banha minha alma desventurada de pai, deve illuminar tua fronte desgraçada de martyr.

Sublime amplexo sellou esse arrependimento sincero.

### XIII

#### APPREHENSÕES REALISADAS

Como a magnolia empallidece, quando o orvalho não roreja suas alvas petalas, assim definha Georgina.

Seu rosto descorado é a historia de uma dôr immensa não contada por seus labios ; mas revelada e escripta nas rosas desbotadas de suas faces.

Julio tinha partido e n'estes tres mezes de longa auzencia nem sequer dera noticias de si á familia, que estava ligado por um d'esses compromissos que não se quebrão impunemente.

O espirito mais benevolente não podia ajuizar provavelmente um proceder tão inqualificavel; no emtanto seu nome era tão respeitado que nem de leve a minima censura tinha ferido sua reputação bastante compromettida.

Georgina conservava-se muda ante tal situação e a familia acompanhava a moça no seu silencio, não proferia uma palavra sobre tão melindroso assumpto; mas o abatimento estampado em sua fronte de criança fallava mais alto que todos os commentarios.

Georgina era a symbolica — saudade — á quem o tempo barbaramente ia desfolhando petala por petala.

Indifferente a tudo, a moça só sahia de sua soledade no dia em que devia chegar o paquete do sul, dia em que ella na sala de visitas ia aguardar noticias esperadas em vão por espaço de tres mezes.

Mais uma vez deixou ella seus aposentos para ir esperar no lugar do costume a chegada do portador que fôra á cidade com ordem de trazer cartas do correio.

Georgina sentára-se junto do piano silencioso, ha muito sem voz e harmonia, alentada ainda por uma vaga esperança tantas vezes desilludida.

A tristeza empanava o brilho de seu rosto angelico outr'ora tão cheio de vida e mocidade e agora replecto de pallidez mortuaria.

O roupão negro, envolvero de seu delicado corpo parecia traduzir as amarguras de sua alma apaixonada.

Dir-se-hia a estatua da dôr prestes a fechar a ultima pagina do livro de seu fadario.

Entregue a um placido abatimento, a pobre moça aguardava com resignação o mensageiro que devia chegar brevemente, emquanto que com uma das mãosinhas alvas, brincava com a franja de setim preto do roupão.

Tentava distrahir-se talvez para afugentar dolorosas apprehensões e conter assim o aborrecimento sempre filho de uma longa espera.

Assim estava a joven á sombra de uma apparente tranquillidade, quando bruscamente ergueu a fronte, fitando a porta junto da qual approximavão-se uns passos vagarosos...

A porta abrio-se dando passagem a Leoncio.

A moça teve um sorriso de alegria para acolher o aperto de



mão cordial de seu irmão adoptivo, que ella via pela primeira vez n'esse dia.

Perdôa-me, minha irmã, disse Leoncio com doçura, se vim com minha presença perturbar a paz de tuas scismas e manietar a liberdade de teus pensamentos intimos... aqui vim de passagem, sem esperar eucontrar-te... Ia agora pedir noticias tuas á Angelica, de quem soube hoje de manhã que estavas doente.

— Tens que fazer, Leoncio? interrogou Georgina com a voz saturada de tristeza.

— Não... mas sei que procuras a soidão e não quero vêr-te constringida; dá-me licença para retirar-me...

— Fica, tua presença me consola, lembrando-me que não estou abandonada por todos, que tenho ainda quem me ame, que não tem direito de julgar-se olvidada quem tem affeições como a tua e a de meu bom pai... e a moça á suas ultimas palavras levou o lenço aos olhos para enxugar as lagrimas que em borbotões corrião pelas faces.

— Que lagrimas são essas Georgina? perguntou Leoncio todo commovido, sentando-se ao pé da pobre menina.

— Que queres, meu irmão, não tenho um coração de marmore, disse a joven entre soluços, e não posso deixar de orvalhar com meu pranto as santas recordações de meu passado... Minhas lagrimas são uma homenagem que rendo á memoria de minhas illusões de criança, de meus anhelos de mulher, aniquilados pelas rajadas do vendaval da sorte. E' um tributo voluntario que minha alma depõe sobre a lousa funeraria de meus amores... Deixa-me chorar, o pranto é um balsamo santo, suavisa o mal e consola a dôr...

— E ha razão para esse desalento, para essa tristeza no verdor de teus annos? Chorar na nubilidade da vida não será matar no embryão os vôos das mais nobres aspirações de uma alma juvenil, empanando o brilho do céo rozeo de uma mocidade em flôr?

— Ah! Leoncio, não falles assim... Porventura não são os meus deseseis annos o sudario que envolve todos os meus sonhos de moça? Não forão elles que inspirarão meu coração, fazendo brotar cheio de luz um sentimento até então desconhecido para mim? Sentimento grande, chispa brilhante, lascada de uma aurora esplendida, mas apagada em momentos entre as trevas de um tumulto... Não me falles assim, não lamentes minha vida, como despido das alegrias juvenis, lamenta antes minha alma outr'ora cheia de crença, hoje a vogar sem norte n'um mar de desillusões...

— E a origem de tantas dôres não será um reccio sem fun-

elemento? interrogou Leoncio arrastado mais pela nobreza de seus sentimentos do que por intima convicção.

— Leoncio, disse a moça com vehemencia, cravando-lhe um d'esses olhares imperiosos que impõem limites aos vãos de um pensamento; porventura teus labios exprimem a linguagem sincera de teu coração?... Não creio... Melhor do que eu conheces o mundo, com passos mais firmes tens trilhado a estrada da vida, onde a par das rosas que vicejão, crescem tambem os espinhos que ferem... Melhor do que eu avalias o procedimento de Julio, e, se fosse dado á natureza humana o poder de penetrar os arcanos mysteriosos de uma alma, ah! Leoncio, ao fitar a tua, eu veria immediatamente ante o tribunal de tua consciencia a condemnação peremptoria do proceder de Julio, como tambem encontraria a justificação d'estas lagrimas que aparentemente não queres comprehender a razão de sua existencia...

— Assim pois, não posso crêr-te... Como irmão e amigo de-sejas consolar-me, — sou grata á tua boa intenção, mas não posso aceitar esses nobres extremos com os quaes queres apagar a verdade dos factos. Eu bem conheço a situação em que me acho, meu irmão, mas não julgues nunca que minhas lagrimas são as de uma mulher mendiga de affectos, louca de dôr ante a indifferença e desprezo de seu — noivo; não Leoncio, meu pranto symbolisa o pezar de ter votado immenso culto, nobre religião aos pés de um idolo de fragil argilla que á primeira lufada de um temporal converteu-se em uma nuvem de pó para desaparecer entre o turbilhão do mundo... Deixa-me chorar, são santas as lagrimas que orvalhão a fé extincta de minha religião de mulher.

— Escuta-me um momento Georgina, o appello feito á minha lealdade, aos meus sentimentos, não terá sido em vão. Ouve-me, continuou Leoncio abalado por funda emoção, é um amigo extremoso que te falla e que julga não ser preciso appellar agora para os seus precedentes para recordar a amizade que te vota.

— Jamais duvidei de ti Leoncio, interrompeu a moça estendendo-lhe a mão affectuosamente...

— Pois bem, ouve-me então, não é meu coração que vai fallar pelos meus labios, mas sim a minha consciencia inspirada pelo dever. Considero que o proceder de Julio ainda que culpavel na apparencia, póde ser no fundo completamente justificavel... Busquemos pelos effeitos a causa... O que affastou Julio de ti? A inesperada doença do pai, molestia fatal que sómente deu tempo ao filho de chegar ao Rio Grande para receber o ultimo suspiro do progenitor de seus dias. N'esses tres mezes de ausencia Julio não enviou de si uma noticia sequer, mas quem póde saber o que tem havido no lar do velho Aguiar e que conse-

quencias funestas pôde ter trazido a sua morte tão repentina quanto imprevisita... A casa commercial de Aguiar era uma das principaes da cidade visinha, dirigida pelo mesmo só elle conhecia o seu giro e transacções; Julio occupando hoje esse lugar vago pelo fallecimento do velho, deve ter encontrado difficuldades e contrariedades a cada passo, contrariedades que custão a resolver os homens habituados no manejo dos negocios e que Julio inexperiente como é, mais do que qualquer outro custará removel-as. Fôra isso ninguem está ao facto do estado de sua fortuna, nem dos abalos que terá soffrido, eu ignoro, não sei nada a esse respeito, tudo que digo são supposições, mas que podem ser verdadeiras, e que podem tambem justificar o procedimento de Julio.

— Elle poderá portar-se infamemente para contigo, não duvido, mas julgo que não ha ainda razões demaziadamente fortes para haver direito de fazer-se sobre sua honra um juizo temerario...

— Ah! se soubesses como anhele crêr em tuas palavras não duvidarias de meus bons desejos em suffocar tantas duvidas que irrompem de meu coração magoado. Mas que fazer ante o cortejo de objecções que me cercão, nascendo umas filhas das outras?

— Esperar e ter fé, Georgina...

A moça ia replicar, mas um rumor não muito longe attrahio sua attenção.

— Ouves, disse ella erguendo-se repentinamente, parece-me ouvir o tropel de um cavallo... é talvez o escravo que foi á cidade... ainda bem, meu irmão, ainda bem que não esperarei muito... e os dois jovens de pé aguardarão silenciosos a chegada do cavalleiro, cujo tropel do animal annunciava proxima vinda.

Não foi longa a espera, após diminuta anciedade o portador entrou todo empoeirado na sala.

— Jornaes do Rio Grande, disse elle entregando um pequeno pacote que trazia entre as mãos, á Leoncio que tinha ido ao seu encontro...

— E cartas...? interrogou o moço um tanto contrariado.

— Não vierão...

Uma ruga ensombrou a fronte serena de Leoncio, mas logo desapareceu rapida como a passagem de um raio...

— Bem, retira-te, disse elle ao escravo acompanhando-o com o olhar até vê-lo sahir.

Quando ficou só com Georgina, dirigio-se á esta, que insensivelmente tinha-se sentado no sofá...

Um pallor mortal cobria o rosto bello da pobre moça, mas nem sequer uma lagrima brilhava entre os seus supercilios de vellu-

do, sua dôr affluira ao intimo do coração, era muda e silenciosa, apenas denotava sua existencia o gemer de seus seios debaixo do negro roupão.

— Minha irmã, pronunciou com solemnidade o moço, pousando sobre o aparador o maço de jornaes, peço-te oito dias para desvendar o mysterio que envolve a conducta equívoca de Julio, em oito dias prometto decifrar o enigma que atordoa nos a todos e que de alguma maneira affecta, não só a tranquillidade como também a honra de nossa familia, mas até lá espero de teu bom senso, moderação em teus transportes, resignação em teu soffrer... Agora mesmo vou escrever para o Rio Grande a um amigo dedicado, que nos orientará de tudo que houver sobre Julio, mas até lá é necessario esperar e ter fé... Até já, minha irmã, disse-lhe Leoncio retirando-se depois de apertar com ternura a mão alva da tristonha moça, descrente e sem esperança de colher bons resultados da missão que seu irmão adoptivo voluntariamente se ia incumbir.

Emquanto Georgina machinalmente ficava desatando o cordel do maço de jornaes, Leoncio arrastado por um pensamento fixo, inspirado por uma nobre causa entrava em seu aposento e sentava-se junto da escrivaninha exclamando:

— Amo-te muito, Georgina, mas o amor que inspiraste-me é que ainda hoje não o conheces, nasceu n'um leito de goivos, e tem vivido no mysterio de um ermo, ligado a um fadario de morte... não importa o martyrio para mim, só almejo a tua ventura e felicidade embora seja preciso o sacrificio de minha vida inteira, embora seja necessario arrochar corpo e alma entre cilícios, farei tudo para ti á sombra de minha dedicação anonyma...

— E nos fastos d'esse voluntario martyrio experimentarei mais uma vez a força de minha vontade contemplando do intimo de minha alma meus sentimentos em nobre relevo.

— Vamos, prosequia com arrebatamento o moço, preparando-se para escrever, trabalhemos e busquemos com prazer a alegria e a vida para ella, o infortunio e a morte para nós...

Arrastado por semelhante excitação começou o febricitante mancebo a escrever.

Um quarto de hora apenas tinha decorrido quando um alvoroço de gritos e corridas echoou em toda casa.

Leoncio sahio precipitadamente de seu quarto e correu até a sala de visitas attrahido pelo barulho.

Um pensamento horrivel pullulou em seu cerebro, uma apprehensão terrivel o esmagava quando atravessou com ligciros passos o limiar da porta para conhecer a causa de semelhante rumor...

Leoncio estremeceu ao fitar a scena que ali via-se...

Magalhães, Angelica e famulos rodeavam Georgina que levantavam do chão onde á tinham encontrado desmaiada.

Todos ignoravam os pormenores e causas que tinham occasionado semelhante desmaio. Apenas Angelica adiantava mais alguma cousa, ouvira o estrondo da queda da moça, mas quando acudira já a encontrára sem sentidos.

Entre as mãos hirtas de Georgina sómente acharão um jornal todo amarrotado. . .

Conduzida a moça para seu leito, Leoncio volveu á sala onde levantando o jornal abandonado, percorreu rapidamente com a vista as columnas do mesmo.

Todo pallido e aterrado leu no noticiario o seguinte :

« RAPTO. — Ante-hontem, á noite, foi raptada da casa de seus pais, pobres e honrados operarios, a menor Luiza de. . . seduzida pelas promessas enganadoras de um libertino endinheirado. Affrontando impunemente a lei, o decoro da familia e a moralidade publica embarcou e partio hontem no vapor de Montevideó Julio de Aguiar, conduzindo em sua companhia a pobre victima de sua infame seducção. A justiça publica ferida em seus brios não teve tempo de desaffrontar-se ante a execução rapida do atrevido plano, facilitando com os recursos criados por uma fortuna millionaria possuida pelo audacioso seductor.

Não é esta a primeira aventura d'esse genero na vida do Sr. Julio de Aguiar, e desgraçadamente a impunidade sempre o tem acompanhado em suas iniquidades.

Sobre esse libertino protegido da fortuna e do acaso pertenco á justiça divina executar o que a da terra infelizmente não tem podido conseguir, para ella appellamos e temos fé que esse inimigo da honra da familia e da tranquillidade da sociedade em breve talvez encontre um correctivo tremendo no meio de sua carreira de desvarios e crimes. »

Leoncio ficou petrificado com semelhante leitura, um suor frio banhava-lhe a fronte pallida, enquanto o sangue em suas veias fervia em borbotões.

E' que o inditoso moço olhava horrorisado para as futuras consequencias d'esse factó e ante o porvir coberto de sombras, elle todo abatido murmurava comsigo : Pobre Georgina ! . . .

Continúa.

# FEITIÇO D'UNS BEIJUS

(ROMANCE)

---

XVI

## MALES QUE VEM PARA BEM

Na manhã seguinte André levantou-se com melhor humor. Necessitava de dinheiro. Foi á casa do correspondente, o Sr. Mathias.

Este apenas o viu, franziu o sobrolho, e foi-lhe dizendo :

— A proposito, Sr. fidalgo...

— O que ha?

— O que faz?

— Aborreço-me.

— Bonita profissão! Então deixou de ser cuvinte na escola militar?

— E que tem com isto? Quer por ventura pregar algum sermão? Não vim para ouvir-o, e mesmo não tolero admoestações de ninguem. O senhor tem ouvintes em sua familia e muitos: mulher, seis filhos e duas cunhadas, pregue a elles.

O Sr. Mathias ficou roxo.

— Que tenho? Ainda pergunta com tanta soberbia?

— Psio! Reforme a redacção... senão... Ha dias ando...

— O que quer?

— Sabe perfeitamente que transponho a soleira de sua casa só por motivos pecuniarios...

— Ah! Dínheiro?! Eu sabia...

— Vamos. Não gósto de esperar.

O correspondente foi á escrivantina e entregou-lhe uma carta.

— Leia. E um sorriso de sorrateiro prazer banhava-lhe a physionomia.

André como advinhou algum contratempo, poz o chapéo na cabeça sem consideração nenhuma para o correspondente, puxou uma cadeira, sentou-se e por entre baforadas do charuto começou a leitura da carta, em voz alta.

—  
AMIGO E SR. MATHIAS.

Metti-me n'uns bamburraes do diacho! Bagualão que sou em lembrar-me de ter um filho piloto!

Estou a rebentar de paixão!...

Meu filho rodou com os estudos, Sr. Mathias, rodou como um bahiano! Chuéga? Que se eu estivesse ahi, havia de leval-o por diante, como uma ponta de gado... a rélho, Sr. Mathias, a rélho e de enchiqueirar!

E demais escrever uma carta que era mesmo um desafôro, escrever a mim, seu pai! Quasi que chorei!... Digo mesmo que chorei!... Tratar-me assim!... Por Deus! Não dé-lhe mais um patacão que peça, não é meu filho.

— E agora? interrogou com intimo regosijo a transbordar-lhe da voz, dos olhos e das feições.

— Está-me parecendo que o senhor ri-se interiormente?

— Eu? Sou incapaz.

— E se fosse capaz, eu o sacudia do balcão ao meio da rua.

— Sei perfeitamente.

— Veja se é capaz, Sr. Mathias.

— Sr. André, eis o que quiz. Sinto dizer-lhe que seu pai prohibe-me de fornecer-lhe a menor quantia...

— Não peço nem real. Vou ás minas de minha California.

— Como?!

— Então o Jacques Ferrand?

— E como ha de pagar-lhe?

— Tenho uma herança colossal, e o paiz tem leis que a pro-

m.

teg O Sr. Mathias levou a mão á barba e começou a coçal-a com a cidade.

— O senhor! o senhor! disse.

André saudou-o:

— Desculpe o incommodo.

E sahio.

O correspondente ficou na porta da loja, conversando com os botões :

— Ah! desalmado moço, seu fim é a forca. Não basta incommodar o pai, vai além no tresloucamento, ameaça todos com pancadas... Em breve hei de vel-o a pedir esmolas. Permitta Deus que nenhum de meus filhos saia com taes costumes e per-versidades.

André chegando em casa encontrou duas cartas.

Uma era de sua incognita, a outra de seu amigo Alano.

A primeira era do theor seguinte :

ANDRÉ.

Li teus versos, já os sei de cór, repito-os a todo o instante, beijo-os como um talisman; são as joias de meu amor, flores que me embriagam os sentidos. Quando os tenho ante meus olhos, parece-me que te vejo a meu lado, que te tenho em meus braços, que... Ah! André, deliro!...

E o amor não será uma febre continua, um ardor incessante que devora o coração sem consumil-o?! Chamma que até afo-guêa o pensamento?...

Será verdade o que dizes :

« Quando meu seio pulsa á ardente chamma.

D'amor immenso como o céo infindo? »

Será real, André? Ou quem sabe não passa d'um galanteio? Não imaginas quanto tortura-me a duvida! A's vezes penso que essa paixão ha de matar-me, que não preencherás teus votos; que serei desditosa e o tumulo me sorrirá como o unico leito de descanso e ventura...

Mas não. André não teria coragem de sacrificar-me sem piedade, depois de ter dito: « Amo-te d'amor immenso como o céo infindo!

E o que ha ahi de mais cruel do que o desmancho d'um bello sonho, de illusões amimadas ao seio durante annos? Nada, eu o juro. Depois d'uma traição póde sorrir de desprezo só quem não ama, a alma incapaz de acalentar um sentimento generoso, immenso e fundo; póde continuar a viver quem vive para a vida, não para o coração. Por mim, morria; muito amei durante annos, longos annos! Não por calculo, não pela aspiração que tem toda a mulher de casar, mas pelo que nunca pude comprehender... Deus o sabe... Só sei uma razão :

Quem explica o perfume da flor? Eu o sinto apenas. O coração é o mesmo. O amor é seu perfume. Não será, André?

Na tua poesia dizes mais :

« — Espera — não me digas, tenho febre. »



Julgas que sou feliz em tua auzencia?

Não o supponhas. Nós somos que soffremos mais, quando necessitamos occultar cada pulsação do seio, ou porque o pudor o ordena, ou porque despertaria uma tempestade na familia que nos contraria a affeição. Depois o homem tem distracções, e as temos nós? pobres mulheres, dia e noite encerradas em casa, aborrecidas d'uma uniformidade eterna, ou arrastadas, embebidas em ideias nem sempre nobres, porém desculpaveis!?

Se amas, mais soffro por ti, do que has de soffrer por mim. Em meu isolamento minuto por minuto são teus... e na tua vida cheia de movimento e mil recreações, poderia eu, exigir tanto de ti? Não, seria injusta.

Espera, pois, André. Hoje o céu da familia abafa-me, a bonança começa a fugir ante negras e pezadas nuvens, tudo anuncia um temporal... Quem sabe se em breves dias não estarei em teus braços cheia de enthusiasmo, activa de teu amor, desafiando os odios de todo o mundo?!

Espera.

Tua *A.*

— Mulher sublime! Como a amo! murmurou André. O' se em pouco consigo vê-la, serei o mais feliz dos mortaes... esqueço a raiva de meu pai, seus anathemas e mesmo esta reunião de homens geometricamente dispostos que chama-se sociedade... tudo... Vem, mysterio encantador, encarna-te e surge, sahe do dominio das abstracções, cicatriza com teu sorriso a ulcera de tedio e esperança mal soffrida que sangra em minha alma... Vem, terás em mim um culto. Jamais anémoma terá sido tão obediente ao bafejo das brisas, como eu ao menor de teus gestos. Vem, ideal angelico, effluvio vaporoso, crystalisa-te... Se soubesses, como tenho soffrido por amor de ti! Se advinhasses, como tua auzencia me desespera! Como agoniso no estorcer da duvida! Surge, diz quem és, como te chamas... Nem dás-me ao menos a consolação de saber teu nome, mulher incomprehensivel que amas a annos e foges, quanto mais te procuro...

Assim scismava André, quando José appareceu-lhe:

— Nhonhô, almoço na mesa.

— Já vou. E no entretanto ficou entregue ao monologo.

Tres minutos depois o crioulo voltou:

— Está esfriando, nhonhô.

— Te disse, que já vou.

— Quando lembrou-se, encontrou tudo frio; mas como as preocupações que o absorvião não erão gastronomicas, nem fez reparo. Se ao levantar-se lhe perguntassem o que tinha almoçado, por certo não saberia responder.

XVII

A' VAGANCIA

N'aquelle dia nem lembrou-se da carta de Albino. O eroticismo dominou-o.

No seguinte antes de sahir a tirar dinheiro a premio, veio-lhe ella á mente, como uma pobre abandonada.

Abrio-a. Eil-a :

ANDRÉ.

Obrigadissimo, entornaste o caldo !

Por um triz que não perdi tua amavel irmã, meu piloto em miniatura !

Eis o caso. Tiveste a desastrada ideia de escrever a teu pai uma carta que equivalia dizer : « O senhor quer que eu estude ; mas eu não quero !

A homens como Francisco Dias de Fogaça, de vontade de ferro, da tempera de nossos avós que entendião que o direito de paternidade conglobava todos os direitos, até o de vida e de morte, não se convence com linhas rectas. Uza-se d'uma curva, e quanto mais longa, melhor ; mais os cansa, mais os arreda dos fins que aspiramos, tornando-os aborrecidos em meião da jornada. Se fór uma curva infinita é o supremo bem, a *magna vis convincendi*, o archœum de Paracelso. Quando aqui chegou tua peremptoria e absoluta resolução, a casa quasi que veio em baixo.

Teu pai rugia como um possesso. Nunca o vi em tamanha colera.

— Isto tem lugar ! Que vergonha com o compadre Manduca ! Por Deus ! que se elle me apparece na estancia mando estaqueal-o, lonqueal-o como um potrilho chucro cheio de manchas. . . Reben-to ! . . .

Aventurei uma palavra em teu favor :

— Quem sabe se a doença. . .

Atálhou-me :

— Qual doença, nem meia doença ! O rapaz está um velha-queador, precisa de freio e de um domador que não salte as caronas ao bancar-se na redea.

E que tem que defendel-o ?

— Eu. . . eu. . .

— Pois quem vier defendel-o não me passa mais tronqueiras

a dentro . . . Chuéga ! Inda ha quem falle por um filho que amofina um pai !

Fui retirando-me, antes que com a minha presença o temporal não desabasse mais furioso, e não se desfizessem relações que tanto mais aprecio, quanto estimo tua irmã.

No dia seguinte ergueu-se serenado, calma de tempestade. Todos evitarão conversação sobre ti ; mas elle procurou-a a todo tranze.

— Que bom piloto perdido !

Vendo que ninguem queria entabolar conversação sobre o assumpto, accrescentou :

— Com os diabos ! Não tenho mais filho, amadrinhou-se com alguma muchacha . . . Não tenho mais filho. Só vocês agora. E foi abraçar tuas duas irmãs com os olhos arrazados de lagrimas. Tem soffrido bastante o bom velho, rustico nas maneiras, mas coração de apurada valia. Fica certo que, o que mais o incommoda, é a perda da pilotagem. Consentiria que o empobrecesses, com tanto que afinal fosses medir-lhe as terras.

No segundo dia depois da chegada da tua carta muito cedoinho estava de pé, bem antes que as barras do horisonte apontassem. Mandou insolitamente parar rodeio, fazer tropas d'uma invernoada. Tudo está em movimento em casa. A' noite chamou-me de parte. Confiou seus planos, pedindo-me que ficasse cuidando da estancia. Em tres dias parte com tuas irmãs para o Alegrete, onde as deixa com uma tia. Elle vai a Porto Alegre.

De positivo sobre suas intenções, nada sei. Vê o que fazes.

Escreve, e conta como vão teus amores com a incognita, por quem, creio, disseste eterno adeus ás mathematicas.

Teu Albino.

— Meu pai tem razão d'algum modo, reflectio André. Mas tambem é uma tyrannia que brada contra a natureza e contra o céo portanto, querer fazer-lhe agrimensor á força !

Não, não tem razão. Ah ! ainda teve a crueldade de suspender as mensalidades ! Supponha-se que eu não tivesse recursos. Via-me na restricta obrigação de mendigar talvez . . . eu, estendendo a mão para receber o obolo da caridade ! Acto de verdadeiro vandalismo ! Elle vem. Diz que não sou mais seu filho. Bem. Hei de representar perfeitamente meu papel de filho abandonado. A' vagancia ! Eis meu grito de guerra.

Não se assustem, leitores.

Vagancia, coisa que existe desde a creação do mundo, palavra que ha muito entrou na lingua portugueza, não encontra-se todavia em dictionario algum ; por isso vou explical-a.

Seguindo a mania dos etymologistas começo dizendo que sua origem é provavelmente do latim, de *vagatio*.

E' um grito de guerra, não ha duvida, mas não recciem sangue e mortes; é uma guerra contra o — *time is money* — do feliz bretão, contra a economia da bolsa, as calçadas das ruas, contra o somno, etc.

Exprime alguma coisa de mais nobre, espirituoso, poetico e elegante que vagabundagem, vadiação, gandaia, gazeta. A ultima tem até sentido muito restricto; applica-se mais á criança que em vez de ir á aula, entrega-se a algum ramo de vadiação; e raras vezes á hostilidade do empregado publico contra o livro do ponto.

Vagancia mesmo subtende bom gosto e delicadeza.

Assim a encontramos na serenata em horas mortas, quando a lua argenta a cidade, e um concerto de instrumentos e vozes vai despertar uma amante, arrancal-a do frouxel do leito, onde talvez sonhasse sonhos d'amores gentis, trazel-a á janella em desalinho poetico illuminado aos reflexos do céu; a encontramos na saturnal que restruge a phreneticos hurras, onde as fronte escaldadas de alguns moços se approximão das fronte pallidas de algumas cortezãs, os braços se entrelação, espumeos licores crepitão e fervem, os copos tintinão, emborcão-se e cahem ás vezes em fragmentos, e depois os labios se toção inspirados, acs vapores do álcool, sussurrão phrases ardentes que, fecundando-se, desfião orações elegiacas, o madrigal anacreontico, a facundia da embriaguez em todo seu brilho; a encontramos ainda... Para que mais escantilhões?

Comtudo ha uma especie de vagancia estúpida, negra, taciturna, á ingleza, mysantropica como Alcesto, ou feia e horrivel como um campo de batalha, ou irrisoria e alvar como a face d'um ourango-tango.

Querem exemplos?

Ahi vão.

Pedro entra em casa, tira o casaco, entrelaçã as mãos nas costas e começa a passeiar pela sala.

Horas e horas passão-se assim, sem motivos e quem sabe sem o menor pensamento digno de ser aproveitado.

Horas e horas decorrem, e elle não se perturba, não cansa, semelha-se a um authomato, cujo mecanismo trabalha, dando-lhe sómente o invariavel e monotono movimento.

Isto é de todos os dias, crer-se-ia uma tarefa, se fosse possivel admittir-se ao menos a elaboração latente das ideias.

Quando pretendem arrancal-o de seu marasmo, não é facil.

Eis a face triste e alvar da vagancia.

Paulo tem ardentes desejos de suicidar-se. Consome dias per-

correndo ruas, praças, varzeas e matos á procura d'um lugar em que possa dependurar-se commodamente.

E' frustraneo.

Afinal entra uma occasião em casa desconsolado e abatido pela impossibilidade de resolver o problema.

Em seu desespero lança casualmente olhares para uma viga ou barrote.

Estremece de alegria. Sympathisa em extremo com a viga, contempla-a com ar paternal e carinhoso.

Achou o que pretendia e sem mais demora atravessa-lhe uma corda, onde tem o cuidado de fazer um collar adequado á sua garganta.

Consuma-se o sacrificio.

Eis a face negra e terrivel da vagancia.

Sancho ama ou crê amar certa moça. Ella não o sabe entretanto, nem faz reparo que elle passa de seis a oito vezes por sua janella com gestos expressivos, cortezias duplas, olhadelas penetrantes e significativas, e um sorriso que parece dizer: Eu te comprehendo, finges indifferença!

Eis a face ridicula.

Bastão.

Expuzemos a theoria de André. Fazemos o aviso só: 1.º porque reccamos que nos confundão com o exercito de *vagos*, tornando-nos responsaveis por ideias suas; 2.º porque respeitamos muito a propriedade alheia, e temos horror ao plagio.

Demais quem não é vago ao menos uma vez cada mez?

O que é um drama, uma opera, um sarão, uma caçada, um passeio ao campo, as reuniões nocturnas, uma *synecura*, um parlamento que palestra sem prover as necessidades do estado, um rei que come, bebe, diverte-se e dorme á custa do povo? Não será a quinta essencia da vagancia?

Que o digão os entendedores do genero, elles o decidão.

## XVIII

### SERENATA

— José, gritou André com um vigor de bofes que faria suppor tres homens a um tempo e teria despertado serios ciumes a Stentor, se elle fosse contemporaneo.

— Prompto, nhônhô.

— Escuta.

— José é todo ouvidos.

— Afferrollia-me todos os livros...

— Outra queimada?!

— Não, estúpido! Fecha-os n'um babu ou caixão. Não quero vel-os, temo que me distraião.

— Sim. Mais, nada?

— Has de pôr o sofá no meio da cosinha, as cadeiras aqui e ali de pernas para o ar. Entendes?

— José faz como nhônhô quer.

— Depois has de pôr o colchão de minha cama no forro da casa, e as cobertas escondidas em diversos lugares...

— Jogando o tempô será de mim caracará?

— Isso mesmo. Não quero durante vinte dias achar attractivos nos livros, leito e commodidades domesticas. Dedico-me á vagancia por calculo; quero diversão a um amor que ha de matar-me por fim, e espero enraivecer meu pai a ponto de tornalo hydrophobo.

O crioulo arregalou immensamente os olhos:

— O senhor vem?

— Sim, vem visitar-me e levar-te para a estancia.

— Ah! nhônhô então deixa levar José? José está bem relacionado na terra... José estima tanto o nhônhô...

— Tens me incommodado muito ultimamente...

— Meu Deus! Pela luz que nos está allumiando!... E desatou a chorar.

— Bem. Sê te emendas, ficas. Agora toma oito mil réis. Dê para teus gastos. Esses dez dias não venho em casa.

Mal André virára as costas e o crioulo a cabriolar como um doido, gritando:

— Viva a pandega! Nhônhô vai á vagancia e José vai namorar a negrinha da visinha padceira. Ah! Ah! Ah! nhônhô é impagável!

Baterão á porta.

— Ninguém está em casa, bradou o crioulo.

— O Sr. André?

— Nhônhô voou, dizem que foi para a lua ver Adão nos braços de Eva.

— Ah! mandão-me que venha receber o importe de certa tontinha! Abre-me a porta, quero fallar com teu senhor. Não estou para caçoádás... Isso já me cheira a massada... Não me fação chegar a mostarda ao nariz... Mais dia menos dia a corda tebenta, e então veremos!...

— Mette-te com nhônhô, lobishomem? respondeu o crioulo de dentro com despalante guerreiro. Elle te escala como um ba-

grc. Não será a primeira cara desavergonhada que elle faz mudar a pelle como cobra.

O credor vomitou mais uma centena de imprecações voz em grita para chamar a attenção dos visinhos e transeuntes.

— Bem feito! Bem feito! terminou elle, quem mandou-me fiar a filhos familias? Se ao menos pudesse executal-o!

A noite cahio.

O sino da sé pausadamente desprendeuz onze badaladas. A cidade dormia.

No trapiche da alfandega, onde se encontra um ou outro guarda, sentinella da tarifa aduaneira, n'essa hora vião-se doze cabeças pouco mais ou menos entrando para um bote, na escada que ali ha.

Quando sahirão da penumbra e a lua illuminou-os, o silencio que reinava foi quebrado por uma berraria capaz de romper os proprios tympanos de Tupan.

— A' tua canção, André, disse um, terminada a explosão.

— Violões, rabecas e flautas, a seus postos, gritou outro.

— Afinar gargantas, exclamou um outro.

— Começou então a afinação com todas suas desordens, notas quebradas e infernacs, cavalletes que gemem, cordas que estalão, tons furiosos. E' a marcha não só n'uma orchestra, mas no mundo.

Deus fez a harmonia do cháos:

— Prompto.

— Bem, comecemos.

Eis o canto que desprenderão:

## AMANTES DA LUA

### I

São elles de pé — os amantes da lua!  
São elles que acordão, deitando-se o dia,  
São elles que vagão no reino das trevas,  
O leito buscando ao sol que radia!

São elles erguidos! Suspensos do braço  
Febris violões, instrumentos de guerra!  
Caminhão contentes, os risos na face,  
No labio epinicios que a vida descerra.

Monarchias da noite os amantes da lua  
Surgindo versateis, espectros semelhão,  
Seus cantos despertão a terra dormida,  
Seus vultos nas aguas do rio s'espelhão.

E' bello scismar na gentil serenata  
Ao brando luar que desfolha-se em raios,  
A' voz das modinhas d'extrema doçura,  
Trememente d'amores em languens desmaiados !

E' bello cantar-se por junto á janella  
D'um mimo de amores, de branca agucena,  
D'um lirio formoso das terras da patria,  
A' lua de prata... que magica scena !

Depois em delirios o rio silente  
Ao som das volatas de noite acordando !...  
Depois pelas ondas lançando scotelhas  
Remar-se, remar-se, contente vogando !...

## II

E o astro das noites no céu refulgente  
As roupas do seio desata em languor,  
Os olhos derrama por sobre os amantes  
Os olhos tão lindos em terno fulgor.

Lasciva, á volupia, os loucos convida,  
Nas brisas louças lhas costuma fallar ;  
E entregues á scisma vão elles cantando :  
« De pressa corramos, corramos a amar.

« Depressa, remeiros ! nas ondas do tempo  
A vida nos peza, se torna uma cruz,  
Se c'róas não cingem-lhe e palmas virentes  
Na estrada do amor, a que o céu nos conduz. »

São elles de pé — os amantes da lua !  
São elles que acordão, deitando-se o sol,  
São elles que vagão na sombra das noites,  
O leito buscando ao nascer do arrebol !

Vozes e instrumentos calarão.



Os echos ainda por instantes murmurarão os derradeiros accents da serenata. A noite, a lua, o Guahyba derivando sua onda de crystal, a natureza das margens resomnando tão docemente, merecião aquella musica!

— Se o inferno tem serenatas em seus porticos e arcarias o o céu não, eu o prefiro a todas as moradas do Ente Supremo.

— Viva Satan!

— Viva Asmodeu, o domonio das delicias eroticas!

— Viva Deus! senhores, ajuntou André. Não julguem o creador das espheras como os padres o pintão, nem o representão os moralistas da nossa terra, bons e amaveis moralistas! homens que tem um passado cheio de nodoas de vinho e libertinagem, e hoje que a frente começa a encalvecer-lhes, ressentidos de não poderem mais caldear o coração nos gozos da mocidade com todos seus ardores e triumphos, fingem austeras virtudes, apparentão sentimentos que os affligem, mostrão em toda a hediondez a face da hypocrisia.

Deus, senhores, não veste sotaina, nem o gibão de Tartufo, e o que fazemos nós, os moços, deve regosijal-o, porque elle é a primavera eterna, a entidade que não teve as faixas da infancia, nem ha de ter jamais o bordão da velhice.

Veção, veção. . . E o braço de André mostrava vivamente a abobada celeste recamada de milhares de diamantes, palpitando de vida.

Veção, continuou elle, e o que julgão do espectaculo do firmamento?

Myriadas de espheras ali se movem, ali descantão harmonias impossiveis de comprehender-se, ao solio do Ente Supremo; é a serenata eterna do Senhor que rebôa nos mares do infinito, ao pé da qual a nossa n'esse atomo do universo que se chamma Guahyba é apenas um pallido e triste simulachro! Viva Deus! o pai da harmonia e o amphytrião da mocidade!

— Muito bem! muito bem! rugio a turba com uma algazarra tremenda e abraçando o orador.

— Garrote aos hypocritas!

— Aos almofarizes de algum laboratorio todas as bochechas fradescas!

— Devem produzir alguma panacéa para a phthisica!

— Componhão pillulas! devem fortificar a larynge dos cantores.

— Qual! devem ser indigestas!

— Horriavelmente! Peior que camarões!

— Peior que a theologia!

— Peior que um vomitorio de Le Roy!

— Por certo que eu as não tragava, embora a morte fosse eminente!

— Engulir padres em pillulas! Bella ideia! Mas não se inquietem, meus amigos, accrescentou André, não estamos com o paladar tão estragado para servirmo-nos de manjar tão grosseiro... O inferno ha de fazer o que não fazemos. Os graciosos moralistas hão de ter o mesmo fim.

— Remeiros, força nos remos.

— Hoje ninguem dorme em casa do João. Pais, irmãs, primas, tudo ha de dançar desde a chimarrita sapateada até o galope endiabrado dos allemães.

— Para que troucemos garrafas?

— Apoiado.

— Cerveja!

— Para mim, cognac. Sobre esse ponto naturaliso-me franquez, que não é dos melhores predicados.

— Eu, não. Amo mais a patricia de Santo Antonio, é crystalina como a mais limpida fonte, é fervida como uma cabocla. Quando corre-me nas veias, sinto-me outro homem, tenho a inspiração a bulhar-me no craneo.

— Em mim produz effeito contrario. Fico triste e massante como Adão, depois de metter o dente na maçã prohibida.

— Tá...tá...tá! Não falles em maçã, tenho arepios, disse André. Lembro as mathematicas com toda a sua furia.

Um dos meus amaveis professores, raro dia passava-se, em que não nos contasse que Newton fez não sei quantas descobertas utilissimas por meio d'essa fructa. Tambem noje não a como, nem posso vel-a, odeio-a de morte.

— A melhor maçã, que ha, é a mulher.

— Isso não é teu.

— Talvez; mas não recordo que se o tenha dito.

— Fizemos mal em não trazer buxa. O ar fresco da noite deu me appetite.

— O' André, um poeta gastronomo!

— E' que o poeta tem estomago, como qualquer asno, com uma differença, é mais apurado; o taberneiro não escolhe, tudo he serve, até cascas de melancia, como um que ha pouco morreu.

— Satisfaz a explicação.

— Silencio! vamos ábicar ao porto.

— Vai ser uma bella surpresa.

— Que tal achas a Mariquinhas?

— Uma mulher que tem bellos dentes, quando sorri.

— Se eu me deitasse com ella, dormia toda a noite, juro pelos santos apostolos!

— No entretanto achão-na bella!

— Algum estatuario.

— E a Angelina?!

— Isso sim!

— Travessa como uma borboleta, ardente como... como e que?...

— Como o sol!

— Como o cognac.

— Como um vulcão.

— Como um parreheiro que vive na raja.

— Como a vida. Não admitto mulheres de gelo aos vinte annos... As que apparentão ou de facto o são, produzem em mim o mesmo effeito que a ideia da morte ou a presença d'um cadaver. Temo total-as, porque julgo que a sua frialdade ha de trespassar a medulla dos ossos.

— Galvanisem-n'as...

— Assim mesmo deixão de ser o que são?

— Não, mas o homem cria para si um systema de illusões. Faz que creê n'uma coisa, quando ella é outra.

— Portentoso! Vai para o inferno com teu systema de illusões! Equivale a ser ebrio toda a vida.

Vou traçar o quadro. Fulano bebe ao ponto de chegar ao ultimo periodo da enfermidade alcoolica: a supina e crassa embriaguez. Sahe da mesa para a rua ás apalpadellas; mede em toda a extensão de seu corpo a calçada e pouco depois resfolga a bom resfolgar. A pedra por sua natureza é frigidissima, mas, para carregar as tintas, imaginem que a scena se passa n'uma cruel noite de inverno. No outro dia perguntem ao homem: Como passou a noite? Elle responderá: Perfeitamente bem; foi um somno delicioso e que sonhos! Parecia-me estar deitado em macios coxins de pennas, tendo em meus braços a formosa das formosas! Que bom e agradavel, se eu podesse continuar aquelle somno toda a vida! Seria o mais feliz dos mortaes... não estava aborrecido como agora.

Eis ao que reduz-nos teu systema de illusões ou á moafa perpetua, ou a sentir tedio desesperador ante a realidade!

— Ninguem falla como André.

— Por isso, meus amigos, hoje nomearão-me chefe dos vagos.

— Não nos dirás, porque andaste algum tempo tão taciturno e anti-social?

— Teu crioulo José disse que tinham te posto mandinga....

— Talvez, mas é segredo, respondeu com gravidade André levando o pensamento até sua querida anonyma.

— Ora, segredos comnosco!

— Meus amigos, se quizesse elucidal-os, não o saberia, e depois...

— E depois...o que?

— O coração tem certos mimos, delicados e melindrosos colibri, que não deve soltar, profanando-os, nos banquetes e festins alegres da mocidade. Ah! a atmosphera não é sempre tão pura, nem as flores tão viçosas...

— Olhem André solemne como um officio por defuntos!

— Grave como um ermitão!

— Sentencioso como um mestre de escola!

— Dogmatico como um concilio!

— Demittimos-te da chefatura...

— Como ambicionas o generalato, tu, soldado bisonho ainda? André calou-se, tomou um violão e tirou algumas variações sobre o motivo *encalistracão*.

Felizmente o bote abicou á praia.

Esplendida paysagem desenrolava-se. No fundo entre algumas figueiras bravias destacava o vulto d'uma casa, cujas paredes recém-caiadas alvejavam aos rutilos do luar. O terreno em rampa descia do suas portas até a margem do rio. Os moços galgaram-no a passo tardo, e sem murmurarem.

Nem mesmo a matula de cães que rodeou-os, acuando, conseguiu arrancar-lhes uma palavra.

Só á porta fallarão pelos instrumentos e vozes. Cantarão ainda os amantes da lua.

Pouco depois uma luz errou dentro de casa. João appareceu na porta, em mangas de camisa e em tamancos.

— Viva o João! gritarão.

Seguirão-se as saudações et...cætera...

— Já passava pelo segundo somno, disse João; mas para que não me avisarão, convidavamos todas as raparigas do visindario e tinhamos um fandango até pelo entrar do dia.

— O André hoje é que lembrou-se.

— E' verdade, André, que ias to fazer padre? Disserão-me outro dia, o que fez-me dar um corcovo de admiração e susto.

— E tanto é verdade, que vim dansar. Manda-nos entrar e põe em ordem de batalha tuas irmãs e primas, porque vai ser um fogo rolante de pelotão até de manhã.

— Entrem... Entrem, o exercito inimigo já vem.

Fandanguarão toda a noite.

Vamos encontral-os ao meio dia n'uma atafona, estirados sobre colxões e esteiras. Dormem como bons christãos.

Uns sonhão em alta voz, outros movem-se bruscamente, outros tangem os fagotes nazaes tão desentoadada e energicamente que farião a paciencia d'um maestro quebrar-se juntamente com a batuta.

E' o que succede depois dos combates, o cansaço prostra os batalhadores.

De tarde projectarão uma corrida de cavallos, o que levarão a effeito.

A' noite novo baile, e então mais garrido, porque muita gente dos arredores veio assistil-o.

A alvorada encontrôu-os de pé. Não dormirão, tomarão armas e forão caçar. Os companheiros na volta ponderarão que, estando exaustos, partião n'aquelle dia. André por muito tempo esteve inabalavel. Afinal cedeu. O trajecto da retirada tinha o sigillo que cada um trazia no semblante: esgotamento de forças e vigílias, e consequentemente foi morno, silencioso e merencorio. Só o robusto André por varias vezes tentou recordar o movimento e jovialidade da ida; porém, como os achasse mudos e intrataveis, reclinou-se sobre um banco a cantarolar entre dentes alguns pedaços de opera. Entardecia. O sol no occaso purpureava os céos e as ondas. A hora do crepusculo pertence á melancolia; a scisma abre as azas da imaginação, adeja no vago, dubio e indefinivel, sonda os mysterios do coração, de Deus e da natureza... A saudade e o amor, flores que mais vição, mais esplendem, mais perfumão sob céos brasileiros desabrocharão os calices na alma de André. Sua fronte amergeu como em vapores d'um mundo remoto. E depois no cahir do dia, ao murmurio das aguas e brisas, ao rhythmo dos remos, a scisma é tão doce! E' ainda mais quando a mulher que se ama é um ideal apenas!...

Continúa.

TRIEMA.

Ó MALMEQUER SILVESTRE

Meiga flôr, singella e pura,  
Amiga da solidão;  
Em mim vês um companheiro,  
Tris te imagem da afflicção.

N'este bosque que te cobre,  
Qual sombrio, escuro céu,  
Foi o anjo da tristeza  
Que um asylo te escolheo.

Essa côr amortecida,  
Essa fórma sem belleza,  
Revelão que bem mesquinha  
Foi comtigo a natureza.

Mas assim branca e tristonha  
Inda as auras te bafejão,  
E da aurora ao doce pranto  
Tuas petalas vicejão.

E eu?... eu gemo curvado  
Ao peso de minha dôr,  
Nem me luz já da esperanza  
O fanal consolador.

Vieste longe do mundo  
Beni tranquilla vegetar;  
Mas eu venho longe d'elle  
Meus pezares sepultar.

Como fallas a minh'alma  
D'essa tua haste selvagem!  
Tu só pareces ter vida  
Entre as irmãs na folhagem.

Sempre triste tu me vês  
Abatido e consternado;  
E nem sabes como eu vivo  
Perseguido pelo fado!

Se sympathisa comtigo  
O meu infeliz coração,  
Porque murchas ao contácto  
De minha myrrada mão?

Exprimes magoa e desgosto,  
Exprimes meu pensamento;  
Vem unir-te ao peito meu,  
Pobre flôr, vem dar-me alento.

J. V. DE ABREU E SILVA

Taquary — 1853.

---

V I S ã O

Sonhei uma virgem de negros cabellos  
Cahindo em novellos n'um collo de luri;  
Um rosto formoso, banhado em pallores,  
Sorrindo de amores em sonhos eu vi.

Meu Deus, era linda! Que faces de neve  
Coradas de leve qual rosa em botão!  
Aos doces compassos da walsa ligeira  
Passou feiticira qual branca visão.

Passou... tão formosa, sorrindo de amores,  
Ornada de flores, brilhante de luz...  
Estrella que rola da noite no pranto  
Não tem mais encanto que a alma seduz!

Passou... como paixão as fadas formosas,  
Ornadas de rosas, walsando ao luar!  
Que labios mimosos! que voz argentina  
De pallida ondina cantando no mar!

Passou!... Rosa branca por sobre a corrente  
Scismando indolente nos risos do céu...  
Ouvindo harmonias celestes e puras...  
Das castas venturas envolta no véo!

Passou... tão formosa, sorrindo de amores,  
Ornada de flores, contente e feliz...  
Amei: mas meu peito de amores replecto  
Não quiz esse affecto contar-lhe, não quiz!

Talvez não me amasses visão dos meus sonhos!  
Teus labios risonhos dirião-me: não!  
Se acaso em meus olhos os prantos tu visses,  
Talvez que sorrisses, formosa visão!

.....  
Que sonhos de louco! Sumio-se a miragem  
Com ella essa imagem de formas gentis...  
Agora, chorando meu fado tristonho,  
Recordo esse sonho, meu Deus, tão feliz!

.....  
Mas não! Encontrei-te na terra, formosa,  
Divina qual rosa do eterno jardim!  
Mas dize, meu anjo, banhado em pallores,  
Teus castos amores consagras a mim?

DAMASCENO VIEIRA.

A D E U S

Adeus, eu vou partir... se um dia te lembrares  
Do pobre sonhador que soffre por te amar...  
Se a perola divina humedecer-te a face,  
Enthuga-a, e depois lembra o que te vou contar :

N'este vergel um dia um colibri sedento  
A' rosa foi roubar as lagrimas do ceu...  
— Mas, como á luz do sol as maravilhas curvão-se,  
Ante a belleza d'ella recuou... tremeu...

Ai ! louco ! — ia roubar os prantos d'alvorada  
Que no polen a flor guardava cuidadosa ;  
— Mas como a luz quer treva... e a treva foge á luz...  
Ao passaro anhelante assim fugia a rosa...

As petalas roubavão-lhe... sopravão já raivosas  
As auras que mansinhas sorvião-lhe os odores...  
E o pobre colibri — amante ciumentõ —  
Sentia-se morrer de anhellos e... de amores !...

Ai ! doido ! quiz na flôr — achar sómente aromas...  
No céu — sómente estrellas... só perolas — no mar...  
Quiz vêr a luz do sol — no fundo dos abysmos...  
— Julgou que uma mulher tambem podia amar !...

E tu... tu és a rosa... eu... sou o colibri  
Que tudo, ai ! tudõ esquece só para te amar !  
Tu podes ser feliz... esquece esse cortejo  
De adoradores vis — que estão-te a conspurcar !

Adeus ! eu vou partir... Se um dia te lembrares  
Do pobre sonhador que soffre por te amar...  
Não chores, — nem repitas seu modesto nome...  
Do olvido nos abysmos procura-o sepultar !...

MUCIO TEIXEIRA.



## CHRONICA

---

Apresenta hoje a « Revista » o retrato do nosso illustre e saudoso comprouviciano João Vespucio de Abreu e Silva.

Modesto, cheio de crencas e talento, seu nome symbolisaria agora uma das glorias mais brillhantes da nossa litteratura, se a mão da morte não viesse prematuramente arrebatá-lo á familia e á patria.

O « Parthenon » collocando o seu busto sympathico na galeria dos homens illustres d'esta provincia não fez mais do que cumprir o seu dever, que não pôde ha mais tempo fazer por circumstancias inteiramente alheias á boa vontade e justos desejos da commissão de redacção.

No cruzeiro, que assignala o ultimo asylo de João Vespucio, o « Parthenon » curva a fronte, dobra os joelhos e deposita uma coroa de goivos e saudades.

— No dia 11 do corrente teve lugar a eleição da directoria do « Parthenon » que tem de funcionar de Janeiro a Junho do corrente anno.

O Sr. presidente Firmiano Antonio de Araujo foi reeleito por unanimidade de votos.

Esta sociedade manifestou n'esta occasião o seu reconhecimento áquelle que a tem encaminhado na vereda da gloria e da prosperidade, e de quem espera ainda todo o esforço e dedicação de que é capaz uma alma patriótica consorciada a um espirito esclarecido.

— No dia 31 deu o « Parthenon » o 7º sarão litterario.

N'esta occasião teve lugar a ovação feita á D. Luciana de Abreu, por parte da associação e das senhoras d'esta cidade.

A distincta preleccionista rio-grandense foi n'essa noite alvo das mais significativas provas de apreço e admiração ás suas virtudes e brilhante talento.

Em nome da sociedade, foi-lhe offerecida uma medalha de ouro pelo 2º orador o Sr. José Bernardino dos Santos.

Após seguiu-se o Sr. Apelles Porto Alegre offerecendo-lhe, como representante das senhoras de Porto Alegre, uma escrivaniha de prata e um lindo ramallete.

N'essa occasião os Srs. Damasceno Vieira e Alves Torres saudarão a distincta professora publica, em nome das associações « Ensaio Litterarios » e « Culto ás Lettras. »

Depois de terminadas as justas demonstrações de apreço e respeito á D. Luciana de Abreu, occupou a tribuna das prelecções o illustrado consocio Dr. Antunes Ribas, discorrendo sobre a these : — Destino do homem.

Com todo o brillhantismo de sua palavra persuasiva e estravasando nos seus arroubos oratorios a energia de suas convicções sinceras e profundas, o Dr. Antunes Ribas não desmentio os foros que goza.

Nós o saudamos.

Concorrerão ainda para maior realce d'esta festa litteraria as Exmas. Sras. D. Maria José Martins, D. Guilhermina Coutinho, D. Florisbella Leite de Castro, D.

Mercedes Lima Brandão, D. Dulce de Castro, D. Maria José Coelho, e os socios Damasceno, Torres, Victorino de Azevedo e Mucio Teixeira.

Este sarão foi honrado ainda com a presença do Exm. Sr. conselheiro Christiano Ottoni, um dos vultos mais proeminentes do nosso paiz.

— Acha-se na cidade do Rio Grande o Sr. Furtado Coelho.

Oxalá que o distincto actor venha visitar a capital, onde recebeu tantas palmas e cordas.

Estamos certos de que o distincto e festejado actor portuguez não nos privará do immenso prazer de vel-o em nosso theatro, ha tanto tempo fechado.

O publico ha de applaudil-o como outr'ora ; elle que sabe fazer justiça ao merito, não pôde deixar de regosijar-se com a vinda do Sr. Furtado Coelho, por tantos titulos merecedor das mais justas homenagens.

— Installou-se na cidade de S. Leopoldo uma sociedade litteraria com o titulo : — Leopoldense.

Saudamos cordialmente a nossa irmã de letras, almejando-lhe um futuro prospero. A nova sociedade abriu um curso nocturno, a testa do qual acha-se o professor publico Thomé Gonçalves Ferreira Mendes.

— BROMELIAS. Sob este titulo está-se imprimindo nas officinas da « Imprensa Litteraria » um volume de poesias de Iriema.

— PRELECCÃO. A que fez o distincto publicista o Sr. Eudoro Berlink, no 6º sarão do « Parthenon, » será publicada no seguinte numero da « Revista. » Cremos que com a leitura d'esse importante discurso muito lucrarão os nossos assignantes, pois é mais uma prova da bella eloquencia do Sr. Berlink e de seus variados conhecimentos historicos.

— A « Imprensa Litteraria vai brevemente encetar a publicação de diversos trabalhos d'esta provincia com o titulo de « Bibliotheca Rio-Grandense. »

No derramamento das luzes está a garantia futura de um povo.

Se os Estados-Unidos são uma nação poderosa, é porque a imprensa ali instrue seus filhos, ensinando-lhes os seus deveres como cidadãos.

Na velha Europa temos a Suissa, que se não é poderosa, é rica e cheia de futuro ; porque os seus grandes homeus comprehenderão ha muito, que na escola e na instrucção popular está o futuro da patria.

E' de esperar portanto que este commettimento da « Imprensa Litteraria, » encontre todo o auxilio de que é digno por parte do nosso publico.

— Este numero da « Revista » sahe tarde devido á mudança da typographia ; esperamos porem remediar esta falta dando os seguintes numeros com a maior pontualidade possivel.

A continuação da biographia do Sr. conselheiro José de Alencar é interrompida n'este numero por terem vindo tarde os originaes. Pelo mesmo motivo deixamos de publicar o discurso do illustrado orador o Sr. José Bernardino, por occasião da ovação á distincta professora D. Luciana de Abreu.

ACHYLLES P. A.